
**A ALMA É UM RÉU: METÁFORAS DO PECADO EM UM TESTAMENTO DA
BAHIA COLONIAL**

Bruno de Jesus Espirito Santo¹

Resumo: Na Bahia Colonial a Igreja Católica possuía poder político e religioso hegemônico sobre o Estado já que atitudes oficiais ordinárias do governo passavam pela sua opinião e pelo seu crivo. Dentre as demandas de fiscalizações estavam os rituais da “boa morte” nos quais os sujeitos que estavam a sentir o “aproximar da morte” procuravam um testamenteiro católico a fim de que ele pudesse pedir perdão a corte celestial pelos seus pecados, dando a instituição que eles acreditavam ser a representante de Deus na terra, seus bens e posses conquistados em vida em troca de uma morada no céu. Dado esse fato sócio-histórico e sociocultural que demonstra o pensamento do homem do Brasil Colônia, este trabalho uniu os pressupostos teórico-metodológicos da História Social do Português (BELLOTO, 2002; PEREIRA, 2014, 2015, 2016a, 2016b; CAMBRAIA, 2005; PRIORE, 2016; PAGOTTO, 2017) e da Linguística Cognitiva em sua fase *sociocultural*, *sociocognitiva* e *discursiva* (LAKOFF; JOHNSON, 1980; SALOMÃO, 1999; KÖVECSES, 2005; VEREZA, 2007; FERRARI, 2011; SOARES DA SILVA & LEITE, 2015; SOUSA, 2016) para examinar se em um dos testamentos recuperados daquela época, metáforas colaboraram singularmente para a sua tessitura discursiva. Os resultados encontrados apontam que a linguagem figurada recrutadas na produção textual citada emerge reflexões tanto sobre o desejo da igreja em angariar fortunas quanto acerca do medo e a tensão imputada nos fiéis acerca do destino dos sujeitos no além-túmulo.

Palavras-chave: História Social do Português. Linguística Cognitiva. Metáfora. Pecado.

Abstract: In colonial Bahia, the Catholic Church had hegemonic political and religious power over the state, since ordinary official government actions were subject to its opinion and scrutiny. Among the demands for supervision were the “good death” rituals in which people who were feeling the “approach of death” sought out a Catholic executor so that they could ask the heavenly court for forgiveness for their sins, giving the institution they believed to be God's representative on earth their goods and possessions earned in life in exchange for a dwelling in heaven. Given this socio-historical and socio-cultural fact that demonstrates the thinking of the man of Colonial Brazil, this work brought together the theoretical-methodological assumptions of the Social History of Portuguese (BELLOTO, 2002; PEREIRA, 2014, 2015, 2016a, 2016b; CAMBRAIA, 2005; PRIORE, 2016; PAGOTTO, 2017) and Cognitive Linguistics in its *sociocultural*, *sociocognitive* and *discursive* phases (LAKOFF; JOHNSON, 2002, KÖVECSES, 2005; VEREZA, 2007; SALOMÃO, 2010;

¹ Graduado em Letras Vernáculas (UFBA, 2014.2-2017.2) com Trabalho de Conclusão de Curso aprovado com grau de distinção e indicação para publicação. Graduando em Letras - Língua Estrangeira Moderna - Inglês (UFBA, 2023.2-). Realizou pesquisa de Iniciação Científica com apoio do Programa Permanecer (PROAE) na área de Linguística Cognitiva e Práticas Culturais (2017 -2018), sob a orientação da Profa. Dra. Norma Pereira (Instituto de Letras/UFBA). Fez estágios de monitoria estudantil (voluntário e com bolsa) em disciplinas e projetos de extensão das áreas de Estudos em Língua Latina (2015) e Estudos em Língua Portuguesa (2016-2017). Integrou grupo de estudos direcionados em Semântica Cognitiva no GESCOG/UFBA e de Crítica Textual (UFBA). Pela sua excelente dedicação acadêmica, obteve aprovação no Edital Participar (2016), oportunidade em que fez curso de Linguagem e Discurso em período de estágio-sanduíche na Universidade do Porto - Cidade do Porto, Portugal.

FERRARI, 2011; SOARES DA SILVA & LEITE, 2015; SOUSA, 2016) to examine whether in one of the wills recovered from that period, metaphors contributed uniquely to its discursive fabric. The results show that the figurative language recruited in the aforementioned text emerges reflections both on the church's desire to raise fortunes and on the fear and tension imposed on the faithful about the fate of the subjects in the afterlife.

Keywords: Social History of Portuguese. Cognitive Linguistics. Metaphor. Sin.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, o homem encontrou formas diferentes de representar seus pensamentos. Nas escritas pictóricas, por exemplo, os sujeitos já registravam suas ações em pedras com o intuito de passar para o outro aquilo que eles vivenciavam em suas mais diversas atividades (JUSTAMAND; MARTINELLI; OLIVEIRA; SILVA, 2010), sendo esse um fato histórico que converge para a ideia de que a leitura do mundo feita por tais seres não é realizada de forma fotográfica ou autônoma, mas sim, motivada e estruturada de forma complexa e conjunta pelos diversos enquadres que compõem a vida humana em sociedade, como a história, a cultura e a corporeidade (KOCH, 2004) e as movimentações de contato linguístico que tangem as interações econômicas (PAGOTTO, 2017).

Nesse sentido, ao entrelaçar os conhecimentos da História Social do Português Brasileiro (CAMBRAIA, 2005; PEREIRA, 2015, 2016a, 2016b; PRIORE, 2016): de que se preocupa com os diversos aspectos intrínsecos à historicidade e ao desenvolvimento diacrônico de uma língua e os da Linguística Cognitiva com os estudos *socioculturais* e *sociocognitivos* acerca do papel da linguagem figurada na modelagem do texto e do discurso (LAKOFF; JOHNSON, 2002, KÖVECSES, 2005; VEREZA, 2007, 2010, 2013; SOARES DA SILVA & LEITE, 2015; SOUSA, 2016). Este trabalho busca jogar luzes interpretativas sobre conceptualização construída no nível argumentativo e discursivo do item lexical *pecado*, no testamento de Gabriel Soares de Souza, tendo como principal hipótese a de que o ambiente de subalternização social e religiosa na Bahia Colonial, proporcionada pelo catolicismo e pelo governo vigente na época, teve papel central no que tange a edificação conceitual dessa palavra na edificação cognitivo-discursiva não só desse manuscrito, mas também de outros que seguiram o mesmo protocolo.

No período mencionado, conforme atestam as fontes documentais, a Igreja Católica recomendava a seus seguidores a prática do ritual da “boa morte”, um rito de passagem que

buscava garantir ao cristão uma morte segura, um processo em que havia várias etapas, tanto antes da morte quanto depois. Tal evento se dava como um meio de alcançar a salvação, para que o fiel diminuísse as suas faltas diante de Deus, negociando assim as suas dívidas com o Pai Celestial, a fim de angariar um lugar ao lado dele. De acordo com Pereira (2016), a preocupação com o desenlace final estimulava os membros da elite da Bahia colonial a seguirem este ritual, sendo a doação de muitos dos seus bens à Igreja uma das etapas para a garantia da salvação.

Na construção desta argumentação, é possível perceber que o que impede a alma de chegar próximo de Deus são os pecados. Entretanto, através do ritual da “boa morte” pela demonstração de arrependimento do cristão através da doação dos seus bens para a Igreja, essa chance é disponibilizada. Em vista disso, compreendendo que, como assinala Ferrari (2011), o contexto orienta a construção do significado, busca-se analisar neste trabalho como o peso da significação do pecado e de ser um pecador, edificada pela subalternização ideológica apoiada pelo governo que a Igreja fazia com os seus fiéis, interferia na representação mental do cristão no que tange a ter uma boa morte e, conseqüentemente, conquistar com isso o mundo celeste.

Esta análise poderá trazer ponderações sobre a importância do ambiente situado histórica e socioculturalmente em que o indivíduo vive para a construção conceitual de significados, assim como contribuirá para o impulso interdisciplinar que a Linguística Histórica disponibiliza com as suas contribuições teórico-metodológicas e seus achados.

A UNIÃO DOS CONHECIMENTOS E MÉTODOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA E DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA PARA A ANÁLISE DE UM TESTAMENTO

A Linguística, ciência da linguagem surgida nos anos de 1916 através do Curso de Linguística Geral de Ferdinand Saussure, propiciou muitas reflexões científicas sobre os diversos aspectos da língua. Dentre um dessas facetas, está a questão do significado, que até os anos de 1980 ficou submetido a um conceito advindo das teorias de cunho estruturalista. A investigação dessas correntes tomava-o como um reflexo direto do mundo realidade (FERRARI, 2011), sem explorar o sujeito e o oceano de motivações no qual este está submerso socialmente (SALOMÃO, 2010), estando por isso submetida a certos princípios que tinham como finalidade afirmar a natureza verdadeira ou falsa de um item do mundo e a

sua referência linguística.

Como um movimento natural do trabalho científico, pesquisadores da chamada “virada cognitivista da linguagem” reagiram contra os pressupostos formalistas supracitados e deram à Linguística e ao mundo um novo olhar sobre a questão de como os significados de uma língua são constituídos (VEREZA, 2010). George Lakoff, Mark Johnson, Ronald Langacker, Charles Fillmore, entre outros, observaram que, a partir da averiguação de extratos linguísticos “não autênticos”, a profundidade no que tange a edificação de conceitos era muito mais intensa do que se pensava no gerativismo chomyskiano. Nessa ocasião, ao publicarem a obra *Metaphors We Live By* (1980), esses cientistas deram por início os trabalhos da então denominada Linguística Cognitiva (SOARES DA SILVA; LEITE, 2015, p. 1).

Ao trazer ao mundo novas ponderações sobre a edificação do conhecimento humano, esta obra chamou muito a atenção de diversos linguistas acerca da rede complexa que rege a relação entre linguagem, cognição e pensamento (FERRARI, 2011), postulando a chamada Teoria da Metáfora Conceptual como sua abordagem teórica de base. Para esses teóricos, os seres humanos compreendem o mundo por meio de metáforas (LOPES, 2015), e a nossa cognição é mediada pelas nossas experiências sensório-motoras e corporais no mundo. A Linguística Cognitiva, ao se posicionar como mais uma ramificação importante para o entendimento da linguagem constitui-se e caracteriza-se, dessa maneira, por estudá-la como parte integrante da cognição e manifestação da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento mental e da experiência individual, social e cultural (SOARES DA SILVA & LEITE, 2015).

Esse processo de conceitualização e (re)conceitualização do mundo se dá a partir do que os teóricos Lakoff & Johnson (1980) chamam de projeção cognitiva entre domínio-fonte e domínio-alvo. O domínio-fonte seria a base primordial para a categorização das experiências, sendo as nossas vivências emocionais, culturais e cotidianas em lugares, eventos e demais espaços em sociedade, atividades que projetam sobre domínios mais abstratos da cognição a configuração de nossos conceitos. O domínio-alvo seria as cargas abstratas que nós queremos conceituar, como por exemplo, a noção de tempo em relação ao dinheiro. Na sociedade ocidental, os falantes conceptualizam o conceito de tempo em noção de valor, o que se pode remeter ao conhecimento experiencial de finanças (SOUSA, 2016). O exemplo mais prototípico dessa é uma frase usual dos brasileiros: “me poupe, por gentileza!”, ou “não gaste

o meu tempo, por favor!”, o que remete à metaforicidade textualmente tecida representada na pela metáfora TEMPO É DINHEIRO. .

A Linguística Cognitiva também contribuiu de maneira singular para que a figuratividade, que antes dela era vista como um fenômeno puramente da ornamentação e estilística literária de pessoas com que teriam, supostamente, uma cognição privilegiada de conhecimentos discursivos tal como poetas e políticos (SARDINHA, 2007), passasse a ser vista como um elemento basilar do pensamento, da linguagem, do discurso e do texto verbal (VEREZA, 2010). Assim como do texto multimodal como no uso dos gestos (AVELAR, 2016).

Como a ciência a Linguística questiona seus objetos e se evolui através dos seus desdobramentos, muito se foi pra frente no que tange aos estudos da figuratividade, pois, como já informado antes, todos os exemplos estudados pelos cognitivistas eram inventados. Além disso, esses estudiosos tratavam a língua como “arquivo do conhecimento”, pois só viam em suas averiguações as metáforas conceptuais subjacentes, sem verificarem a sua importância para a própria edificação e potencialização do discurso (VEREZA, 2007). Dessa forma, ao questionarem tais problemas, cientistas da cognição como Salomão (1999) e Kövecses (2005) se voltaram para o estudo da sociocognição, da metáfora cultural e a cognição situada em detrimento da cognição individual, que, ao ser influenciado pelo cognitivismo clássico (KOCH & CUNHA-LIMA, 2011), reduziu a análise da metáfora a aspectos individuais, não percebendo o caráter do ser humano como ente social, emergido pelos fatores sociopolíticos, históricos, ideológicos, culturais e contextuais nela imbricados.

Por isso, a metáfora passa a ser vista agora sob uma nova óptica: (i) a metáfora conceptual não é apenas um fenômeno do pensamento e da linguagem, mas também uma ferramenta da comunicação, sendo o discurso verbal, não verbal e multimodal o seu lugar mais natural, estando agora ela presente intrinsecamente na edificação tanto do pensamento como no discurso; (ii) metáfora não implica mais, como já dito mencionado antes neste trabalho, numa abordagem psicoindividual e universal da experiência humana, mas sim neuropsicologicamente fundamentada, deve dar lugar agora à metáfora conceptual culturalmente específica, ou seja, estruturada em contextos da atividade humana localizados, o que leva a sua pesquisa a também olhar a estrutura subjacente a essa localização social dos falantes; (iii) metáfora agora, bem como todos os outros constructos da figuratividade como metonímias, provérbios e ironias, têm de ser testados empiricamente baseados em métodos

quantitativos e multifatoriais avançados, a fim de que se alcance a completude no que tange o entendimento do processamento da linguagem figurativa (SOARES DA SILVA; LEITE, 2015, p. 6-7).

Logo, o estudo das estratégias de conceptualização discursiva no testamento de Gabriel Soares de Souza, documento que integra o Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia, se faz relevante, tanto para os estudos linguísticos quanto para os estudos históricos e culturais, uma vez que, ao serem analisados os laços, as redes e pontes que contribuem para a estruturação do significado, pode-se evidenciar como o indivíduo, e o grupo social do qual fazia parte, conceptualizava discursivamente e argumentativamente o seu pensamento em relação a certo item lexical. As práticas culturais de uma sociedade são atividades importantes para a valorização da identidade humana, desse modo, seria estranho pensar que os ritos

religiosos não fazem parte dessas práticas, já que as rotinas religiosas são de extrema importância para muitos seres e essas práticas influenciam o comportamento desses no mundo.

Como assinalam os estudos promovidos por Pereira (2015, 2016a, 2016b) e Priore (2016), os “ritos” da boa morte são rituais de passagem que não só revelam a vontade do homem em angariar um lugar nos céus, mas também refletem aspectos sociais, culturais e econômicos dos indivíduos que adotaram essas práticas. Herança da mentalidade medieval, na Bahia colonial, o ritual do “bem morrer” era instituído pela religião hegemônica, o catolicismo, que, utilizando a preocupação dos homens com a perfeição espiritual para escapar das tentações e alcançar a salvação da alma (PEREIRA, 2016b), estimulou nos fiéis, por via de muitos interesses, práticas para a expressão da fé.

Na história da humanidade, não se havia, antes da ascensão do cristianismo entre os séculos II e IV, uma preparação sistemática dos sujeitos com relação à vida após a morte. Veyne (2009) afirma que os antigos romanos praticavam a arte das tumbas e certos ritos fúnebres apenas pelo medo da ira dos deuses, que eram conhecidos por serem justos e vingadores, mas não havia um protocolo específico a se seguir para que se pudesse negociar a salvação com a divindade. Foi então a partir da proeminência da Igreja Católica, no período supracitado, que os protocolos em relação à vida e à morte começaram a ser estabelecidos, sendo a instituição cristã uma entidade “esclarecedora” quanto à necessidade dos homens em se preparar para o momento de desenlace com seus corpos (BROWN, 2009). Nessa dinâmica

de instrução, os cristãos foram informados de que a alma, uma vez separada do corpo, poderia ir para o Paraíso, no caso dos justos, ou ir diretamente para o inferno, no caso dos pecadores. Entretanto, ainda havia uma chance de se salvar: o purgatório, lugar onde poderia se observar as infrações cometidas no plano terrestre e era um meio de Deus demonstrar a sua misericórdia, perdoadando, a partir da negociação feita em vida através da prática do rito da “boa morte”, os erros cometidos pelo infrator e concedendo, conseqüentemente, a oportunidade de salvação (PRIORE, 2016).

Esse contrato de salvação era permeado por ações antes e pós-morte que envolviam “várias dimensões, comportando ao mesmo tempo aspectos gestuais, textuais, uso de vestimentas e sinais específicos, além da utilização de objetos simbólicos” (PEREIRA, 2016a, p. 329). Dentre essas esferas significativas do ritual, havia a redação de um testamento no qual o cristão deveria argumentar em favor da remissão dos seus pecados através da amostragem dos atos de caridade feitos em vida em prol da instituição católica, bem como as numerosas doações em favor da mesma (PRIORE, 2016).

Conforme sustenta Belloto (2002) tais tecidos textuais servem para expressar a vontade das pessoas com o que se faça com os seus bens após seu óbito, por isso, observando tais atitudes, no contexto do rito da boa morte, é possível afirmar que a condição financeira do testador era um elemento de suma importância na conquista da morada dos céus, pois, precisando a Igreja de recursos para se manter em funcionamento, quanto mais os seus fiéis pudessem deixar pra ela, mais ela garantia a eles essa possibilidade. Não só os testamentos, como outros documentos presentes nos Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento na Bahia, que foram editados semidiplomaticamente pelo Grupo de Crítica Textual da UFBA coordenado pelas pesquisadoras doutoras Célia Marques Telles e Alícia Duhá Lose do Instituto de Letras da instituição, atestam essa assertiva, demonstrando que a ideologia implantada e disseminada pelo cristianismo no Brasil Colônia com o suporte do governo vigente conseguiu extrair muitas das heranças dos colonos.

Ao ler um desses documentos notariais presente no Livro Velho do Tombo, foi possível perceber como a lexia “pecado” desenvolve um papel importante na dinâmica de convencimento da comunidade celeste quanto à defesa do seu ethos de bom cristão, por isso, interessado em entender por que o evento mais importante dentro da instituição católica esteve presente de forma expressa no manuscrito mencionado, este trabalho, inspirado na ideia de contexto como evento corpóreo, sensorial, emotivo e cultural (FERRARI, 2011),

busca entender a conceitualização do “pecado” como tendo como hipótese de que este processamento cognitivo é primordialmente conduzido pelo ambiente de opressão e medo do inferno disseminado pela Igreja Católica no período (e digamos, também apoiado pelo governo com a finalidade de angariar bens e recursos financeiros) vivido pelo testador na Bahia colonial.

Ainda em seu estudo sobre o protocolo da “boa morte”, Pereira (2015) afirma que, no momento de elaboração do testamento:

o testador, indicando a motivação para o testamento, invoca a Trindade e declara seu arrependimento. A seguir, em geral, solicita a intercessão de anjos e santos pela salvação de sua alma, e passa a apresentar os argumentos em sua defesa, convocando para isto o testemunho das ordens religiosas, irmandades e entidades piás que ajudou em vida. Conforme o seu poder de barganha, o testador pode descrever como deve ser o seu sepultamento, enumerando as características do cortejo fúnebre, a vestimenta, o epitáfio e o local em que o corpo será depositado. Para fazer jus aos pedidos registrados, o testador apresenta então o seu ‘legado piedoso’, que são os atos de caridade, tais como as doações para as entidades religiosas nomeadas, para viúvas e órfãs pobres, para os pobres que serão convocados a acompanhar o cortejo, ou os atos para demonstração de bom caráter, como o reconhecimento de dívidas e de filhos bastardos ou a alforria de escravos mais antigos. Por fim, indica-se a quantidade e periodicidade de missas que deverão ser rezadas pelas almas de seus parentes próximos, pelos pobres e por sua própria alma (PEREIRA, 2015, p. 4).

Dessa maneira, utilizando os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva, apoiada pela Linguística Histórica, que, “na perspectiva da Crítica Textual, através das edições de textos, aproximam o leitor contemporâneo de realidades distantes, favorecendo o trabalho de diversas outras áreas do saber” (PEREIRA, 2014, p. 1), será realizada a seguir uma análise do item lexical pecado no testamento de Gabriel Soares de Souza (TGSS), examinando os conceitos, laços e redes que contribuíram para a construção do sentido para o testador.

Gabriel de Soares de Souza foi um fidalgo português que chegou a terras baianas por volta do ano de 1567, tornando-se senhor de engenho de açúcar do rio Jequiriçá. O autor do famoso Tratado Descritivo do Brasil de 1587 faleceu no final de 1591 quando seguia uma rota deixada por seu irmão João Coelho, grande conhecedor dos sertões, com o objetivo de descobrir minas de pedras preciosas, as Minas Gerais, descobertas um século depois (SILVA, 2011).

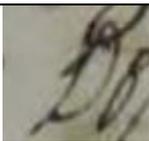
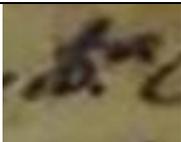
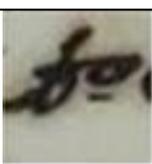
Na intenção de interpretar e demonstrar o processo de conceptualização argumentativa e discursiva de um item lexical em um determinado contexto, este trabalho toma sua ação a

partir da aproximação temporal, já que esse testamento está sendo analisado em uma época diferente da sua produção, não sendo possível assim se ter acesso ao momento de construção da escrita pelo testador. Tratando-se de um documento manuscrito datado do século XVI, o conhecimento da Paleografia e de outras ciências auxiliares são requisitos indispensáveis para sua adequada leitura e interpretação.

A decifração e o desenvolvimento de abreviaturas, bem como a identificação das ligaduras em documentos antigos são algumas das tarefas do trabalho dos cientistas da Linguística Histórica, que, fazendo o uso dos conhecimentos de Paleografia, demonstram a importância da disciplina para o desenvolvimento de outras ciências, permitindo que o leitor da atualidade conheça a cultura e o pensamento de um povo antepassado, bem como o desenvolvimento social e histórico e linguístico da sua língua, sendo ainda de grande relevância para os pesquisadores de diversas áreas do saber.

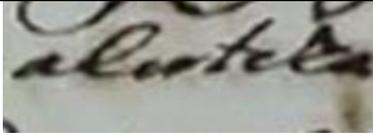
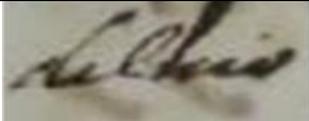
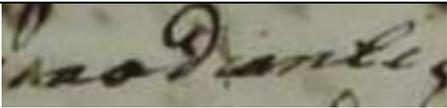
Os quadros a seguir apresentam exemplos das dificuldades encontradas na leitura do documento:

Quadro 1: Abreviaturas.

ABREVIATURA	EXEMPLO	DESENVOLVIMENTO	CLASSIFICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
q ^{tos}		q(uan)tos	Abreviatura por letra sobreposta	f. 163v l. 27
q'		q(ue)	Abreviatura por suspensão	f. 164r l. 4
d ^a		d(it)a	Abreviatura por letra sobreposta	f. 164v l. 4
d ^o		d(it)o	Abreviatura por letra sobreposta	f. 165r l. 35

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 2: Ligaduras.

aCerteza		LOCALIZAÇÃO f. 164r l. 17
ComaCampa		LOCALIZAÇÃO f. 165r l. 47
deCuio		f. 165r l. 8
Eaodiante		f. 165r l. 49

Fonte: elaboração do autor.

UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL, COGNITIVO-DISCURSIVA E ARGUMENTATIVA DO ITEM LEXICAL *PECADO* NO TESTAMENTO DE GABRIEL SOARES DE SOUZA

a fim de demonstrar que as metáforas acontecem de forma sistemática na mente humana, o linguista computacional brasileiro Sardinha (2007), reitera que para identificar uma metáfora conceptual, é necessário analisar o discurso do falante, ou seja, analisar a estratégia cognitivo-discursiva que ele utilizou no ato da textualização *em uso* e culturalmente *situada* (VEREZA, 2013). Ao fazer essa análise e encontrar esse fenômeno cognitivo, é preciso representá-los em fórmula já tradicional em Linguística Cognitiva, a saber: SENTIMENTO É UM SER HUMANO. Os excertos do testamento selecionado como *corpus* deste trabalho será exibido e conseqüentemente a análise de sua metaforicidade conforme foi editado e publicado pelo Grupo de Crítica Textual da UFBA e está presente publicamente no site do Mosteiro de São Bento na rede mundial de computadores.

Vejamos o excerto destacado do testamento de Gabriel Soares de Souza abaixo:

[...] Em nome do Pai do Filho do Espírito Santo Amen Saibam *quantos* este
Instrumento/ato uirem como no ano do Nascimento de nosso Senhor JeZus Christo de mil
e quinhentos e oitenta e sete
anos aos dez dias do mês de Agosto da Cidade do Salvador **estando Eu
Gabriel Soares de Souza de Caminho para Espanha sem e bem disposto em todo
o meu Entendimento e perfeito Juízo assim da maneira que o Deus em mim
pospondo o pensamento em meus pecados temendo a estreita conta que dellas
heide dar ao Senhor/** Determinei fazer este Testamento [...] (TGSS, 1584: 163v
L. 28-34, Grifos nossos).

O tratadista, logo no início de seu ato documental define o local onde escreve o seu testamento e afirma estar em perfeito juízo mental para escrever tal tecido textual. O testador apresenta também a motivação para a redação do documento: como vai fazer uma longa viagem por mar, teme o risco da morte repentina e preocupa-se com as possíveis repercussões, após a morte, dos atos praticados durante sua vida, e dos prejuízos que esses podem causar à conquista de sua salvação.

Para escapar às penas infernais, roga a misericórdia do Cristo na cobrança de suas dívidas:

[...] **JeZus Christo quem humildemente peso perdão de meus pecados a honra das
santas Cruzes e Chagas que elle padecera na Cruz e honra de todos os
misterios da sua Sagrada Morte e Payxão a quem peso que não julge minhas
culpas com aquella ira que pella/ Graueza dellas estou merecendo senão com
a grandeza da sua Misericórdia** em a qual ponho a Esperança da minha salvação
[...]. (TGSS, 1584: 164r L. 0-5, Grifos nossos).

Analisando esse pedido do testador, através da Teoria da Metáfora Conceptual em seus desdobramentos atuais anteriormente já apresentados (LAKOFF; JOHNSON, 2002; KÖVECSES, 2005; VEREZA, 2007; SALOMÃO, 2010; SOARES DA SILVA & LEITE, 2015; SOUSA, 2016), é possível dizer que a metáfora PECADO É DÍVIDA articula essa manifestação linguística do falante, pois, se existe um débito a ser reconsiderado, e, se através dos atos de caridade o indivíduo não precisará mais sofrer no purgatório, essas atitudes trazem créditos ao testador, favorecendo as condições de alcançar os céus. Pecado é então dívida que irá ser cobrada. Nessa expressão metafórica, o fidalgo implora ao Senhor Jesus Cristo que lhe dê o precioso perdão pelos seus pecados, para que esses sejam aliviados a fim de obter um lugar na graça divina, confirmando assim a ocorrência da metáfora construída no nível do texto e do discurso PECADO É DÍVIDA.

Numa outra análise do mesmo testamento, é possível encontrar outras metáforas sendo recrutadas pelo testador na facção de seu documento que tratará de cuidar dos seus bens após

o seu falecimento:

[...] **TomopormeudeuogadoaoAn/yoGabriel Cuionome enho doqual não fui Capas poismeemtreguei tanto aos pe/Cados** aoqualpeso ahonrraelouor do ParaiZo dequeelleTantoGoza e ahonrrada/quellasanta EmBaixada *que* elle Leou a Virgem Nosasenhora que seiaTerseiro/ diantedellaperaqueella o seia diantedoseupRecioZo filho, edellamealCcamse per/dam demeus peCados [...]. (TGSS, 1584: 164r L. 12-17, Grifos nossos)

Neste fragmento, é possível observar que se o sujeito colonial Gabriel Soares de Souza pede à Virgem Mãe de Deus que defenda a sua alma pecadora do inimigo tentador para que este não o perturbe na hora da sua morte. O pecado se configura neste extrato como uma falha a ser castigada, assim como se tem a noção de que quando alguém comete um crime, esse crime deve ser pago para que se faça justiça. O pecado nesse contexto aparece como a violação de uma conduta, logo, PECADO É UMA INFRAÇÃO. O testador reconhece que é um infrator e têm consciência das suas faltas, mas, mesmo assim, pede que, como um advogado, o anjo Gabriel, juntamente com a Virgem Mãe de Deus, o defendam e intercedam na justiça por ele, um criminoso, perante aquele que pode influenciar negativamente os que já são infratores, no caso, “o inimigo tentador”, para que não o perturbe na hora da morte. Portanto, se pecado é infração a ser advogada, reconsiderada e aliviada, logo, aquela que será julgada será a alma pecadora, por isso constata-se a ocorrência linguístico-discursiva de outra metáfora: A ALMA É UM RÉU.

Nesta última verificação, localiza-se mais uma metáfora atuando no discurso escrito:

[...] Jtem donde quer queeufallesermeemterrão nohabitodeSamBen/tohauendoahi MosteirosdesuaOrdem, Onde me interraram, enaõhauendo Ma/neiradestehabito, ehauendoMosteiro desamFrancisco, me emterraram noseu/ habito,eosRelligioZos dambas estasOrdens meaCompanharam e aCada humdaraõ/ de EsmollasinComilReis, e/ pello habito des CruZados; Jtem seDeus foiseru/ido queeufalessa nestaCidade eCapitania/ meuCorpo seraemterrado/ Emsam Bento da dita Cidade naCapellaMor, **OndesemeporahumaCampa Com/ hum letreiro que diga aqui jas humpecador** [...] (TGSS, 1584: 164r L. 43-47 e 164v L. 0-2, Grifos nossos).

Para local de seu sepultamento, o testador pede a Capella Mor que se ponha no letreiro de seu jazigo a frase “aqui jas um pecador”. Fica constatado que, cotidianamente, muitos cristãos que viveram não só no período em que Gabriel Soares de Souza viveu, mas em outros também, pediram e pedem para que essa mesma sentença seja escrita em suas lápides. E, ao analisar essa afirmação, constata-se a ocorrência da metáfora ADMITIR O PECADO É

ATESTAR A HUMILDADE, demonstrando dessa forma, que a atitude de humildade é uma característica desejada no perfil de um cristão. O pecado se torna assim um reconhecimento de identidade do cristão que deve mostrar-se arrependido e contrito à Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a Linguística Histórica permite, a partir de suas intervenções científicas, além de jogar luzes sobre os fatores que permeiam o desenvolvimento histórico das línguas utilizando instrumentações como os da Paleografia, que os seres humanos do presente conheçam as realidades das sociedades do passado, ciências conexas que se interessem por dar as mãos a ela para investigar, cuidadosamente, os aspectos e enquadres psiconeurolinguísticos e sociais que influenciaram o processamento dos discursos dos sujeitos do passado são relevantes para que se haja uma melhor compreensão sobre como se constituiu a arquitetura do pensamento e da ação humana antiga.

Através da publicação de *Metaphors We Live By* (1980), Lakoff e Johnson introduziram nos estudos linguísticos a Teoria da Metáfora Conceptual, o que impulsionou diversos pesquisadores se debruçando sobre os estudos cognitivistas com o intuito de compreender a complexa estruturação do significado. Na atualidade, porém, existem desdobramentos importantes dessa teoria, apontados nesse trabalho, que compreendem a importância do ambiente onde os sujeitos vivem para o funcionamento da cognição linguística e discursiva.

Por isso, levando-se em conta esse construto teórico para a averiguação de como se constrói a noção de pecado no manuscrito colonial analisado em sua fase social, este trabalho chegou a conclusão de que as metáforas pelas quais o homem setecentista conceptualiza em sua argumentação suas impressões, apreensões e introspecções acerca das relações temáticas que se estabelecem entre a vida e a morte, a saber: PECADO É UMA INFRAÇÃO, PECADO É DÍVIDA, ADMITIR O PECADO É ATESTAR A HUMILDADE e A ALMA É UM RÉU — ratificam a compreensão a respeito da extensão da influência da Igreja Católica sobre as práticas socioculturais na Bahia colonial, demonstrando como a pedagogia do medo instituída por ela teve forte interferência na corporificação, e conseqüente tomada de ação, sobre e no mundo do cristão daquele período.

Nesse sentido, defendendo tanto que a interdisciplinaridade entre os estudos

linguísticos, históricos e culturais podem trazer ricos resultados para iluminar o passado, bem como que a interação é o centro de constituição da linguagem, buscou-se com este trabalho trazer mais uma contribuição para o entendimento acerca dos processos mentais do homem colonial, em especial ao que se refere ao contexto do ritual da “boa morte”, jogando luzes interpretativas, através de marcas linguísticas de um tecido textual sociohistoricamente situado, sobre as repercussões que o oceano de motivações (SALOMÃO, 2010) que esteve atuando na edificação, processamento e produção da discursivização da palavra pecado realizada apreendida por um sujeito do Brasil Colonial.

Referências

- AVELAR, M. O papel dos gestos de apontar na construção da dêixis multimodal: dos usos concretos aos usos abstratos. **Revista Linguística**, v. 1, n. 12, 2016, p. 161-176.
- BELLOTO, H. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de Arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
- BROWN, P. 2009. Antiguidade tardia In: Veyne, Paul (Org.). **História da vida privada**, 1: do Império Romano ao ano mil. Tradução Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras: 255-258.
- CAMBRAIA, C. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- JUSTAMAND, M.; MARTINELLI, S.; OLIVEIRA, G.; SILVA, S. A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas. **Arqueologia Pública** 11, nº 1 (2017): 130-172.
- KOCH, I.; CUNHA-LIMA, M. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, I. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. Contexto, São Paulo: 2004.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge University Press, 2005.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de Tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002[1980].
- LOPES, B. (2015). **Metáforas Divinas: a conceptualização metafórica de deus no discurso**

religioso evangélico. **Anais**. V CONGRESSO INTERNACIONAL DA METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO. Acesso em setembro de 2020.

PAGOTTO, Emílio. Ebulição e sedentarização linguística, o lugar da economia de subsistência na formação do Português Brasileiro. **Revista Diadorim**, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23264>>. Acesso em: jun. 2019.

PEREIRA, N. Os rituais da “boa morte” na Bahia colonial a partir da análise de testamentos. *In*: HORA, D.; PEDROSA, J.; LUCENA, R. (Org.). ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos. **E-book**. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 1013-1042.

PEREIRA, N. Imagens da cultura medieval reveladas em rituais religiosos da Bahia Colonial. **Anais**. IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS. 2016a. Disponível em: <http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais_eiem/article/view/290/250>. Acesso em: agosto de 2019.

PEREIRA, N. As confrarias e a construção do ethos de bom cristão em testamentos da Bahia Colonial. XVII ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. **Anais**. 2016b. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/2894-2/>>. Acesso em agosto de 2019.

PEREIRA, N. Os rituais da “boa morte” na Bahia colonial a partir da análise de testamentos. XVII CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA. **Anais**. ALFAL. 2014. Disponível em <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1125-1.pdf>>. Acesso em agosto de 2019.

PRIORE, M. **Histórias da gente brasileira volume 1**: colônia. São Paulo: LeYa, 2016.
SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, v.3, n.1, p. 61-79, 1999.

SALOMÃO, M. Entrevista com Margarida Salomão. *In*: **Revista Investigações**. v. 2, 2010.
SARDINHA, T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, E. A espera da morte: os testamentos e a sociedade colonial na Bahia dos séculos XVI e XVII. **Historien** – Revista de História [4]; Petrolina out/abr. 2011. p. 174-206.
SOARES DA SILVA, A.; LEITE, J. E. R. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações**, Recife, v. 28, n. 2, p. 1-23, jul. 2015.

SOUSA, A. Metáfora: uma abordagem neurocognitiva. *In*: ALMEIDA, A.; SANTOS, E. (Org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016.
STEEN, G. **Finding Metaphor in Grammar and Usage**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

TESTAMENTO de Gabriel Soares de Souza. 1584. **Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Salvador, 1584: f. 163v – 166r.

VEREZA, S. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEREZA, S. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, 2013, p. 2-21.